

GRAMATICALIZAÇÃO DO ITEM AÍ: UMA ABORDAGEM MULTIFUNCIONAL

Edvaldo dos Santos Pereira (UEFS)

edspereira1@gmail.com

Josane Moreira de Oliveira (UEFS)

josanemoreira@hotmail.com

1. Introdução

A língua portuguesa ou qualquer outra língua natural, como se sabe, condensa uma série de construções que são fruto de uma ampla diversidade de utilização funcional, o que a remete a uma característica bastante dinâmica de multifuncionalidade recorrente.

Antes de aprofundar a discussão, é importante dizer que esta pesquisa foi desenvolvida com utilização do banco de dados do *corpus das Amostras da Língua Falada na Zona Rural de Feira de Santana (Paraguruçu)* integrante da coleção *Amostras da Língua Falada no Semiárido Baiano*, pertencentes ao projeto *A língua Portuguesa no Semiárido Baiano* da UEFS-BA, coordenado pelas professoras Norma Lúcia Fernandes de Almeida e Zenaide de Oliveira Novais Carneiro.

Neste trabalho, será debatida a concepção funcionalista e de gramaticalização. Além disso, tangenciará questões acerca de sincronia e diacronia. Posteriormente, serão apresentadas as funções do item *aí* e, em seguida, expostos os dados que foram rodados no programa computacional Goldvarb, o qual ofereceu a quantidade de ocorrências e suas respectivas porcentagens em relação aos fatores linguísticos e extralinguísticos selecionados para esta pesquisa.

Espera-se ajudar as pessoas a entender, por meio deste trabalho, em que nível está o processo de uso do item *aí* com os dados da comunidade estudada e possíveis condicionantes das ocorrências, a partir dos exemplos ilustrados.

2. A abordagem funcionalista e a gramaticalização do item *aí*

Entrando na abordagem da pesquisa, é possível, desde já, ressaltar que a presente pesquisa tangencia questões de funcionalidade. É impor-

tante, para ficar mais claro, que se fundamente a abordagem funcional com seguinte passagem:

Toda abordagem funcionalista de uma língua natural tem como principal objetivo verificar como se processa a comunicação entre os usuários dessa língua, examinando, desse modo, a competência comunicativa. Isso leva à consideração de que as expressões linguísticas são configurações de funções e cada função leva a um modo diferente de significação na sentença. (POGGIO, 2002, p. 28).

Ou seja, a semântica presente no item está totalmente atrelada às condições de produção do discurso, o que pode deixar mais concreta ou mais abstrata a significância do item utilizado, como se poderá ver mais adiante.

Nesse sentido, pode-se falar do processo de gramaticalização que remete a uma carga funcional dentro do contexto discursivo, uma vez que os itens em via de gramaticalização sofrem uma evolução categorial alterando seu nível de concretização → abstração. Para que se possa ter uma noção mais apropriada no âmbito da teoria científica, é importante apontar que

Gramaticalização é o trajeto empreendido por um item lexical, ao longo do qual ele muda de categoria sintática (=recategorização), recebe propriedades funcionais na sentença, sofre alterações morfológicas, fonológicas e semânticas, deixa de ser uma forma livre, estágio em que pode até mesmo desaparecer, como consequência de uma cristalização extrema. (CASTILHO, 1997, p. 31).

Assim, pode-se acrescentar que o processo de gramaticalização nem sempre parte apenas de um item lexical, ele pode ocorrer de um item já gramaticalizado, porém em um nível razoável de abstração e seguir para um nível mais profundo de esvaziamento semântico. Além disso, nem sempre as expressões sofrem redução fonológica como é o caso do item que será aqui estudado.

Entre os diversos dados linguísticos existentes no português falado no Brasil, existe um item em grande processo de utilização e com intensa capacidade de mobilidade em termos funcionais. O item *aí* é o qual se refere a presente pesquisa. Ele já faz parte do cotidiano da língua portuguesa há muito tempo.

O item *aí*, quando deixa de funcionar como dêitico locativo, ou seja, quando, em algum momento, não assume a função de indicador de determinado elemento dentro do real e funciona como sequenciador, simplesmente ele ganha uma intensificação de sua característica abstrata,

carregando apenas a capacidade de emendar partes do discurso a sua volta, não tendo, necessariamente, uma profundidade em sua carga semântica.

Por outro lado, quando o item *aí* está em grau bastante avançado de gramaticalização, observa-se que ele não está totalmente isento de sentido, uma vez que possui a capacidade de dar lugar a outros termos e expressões, tais como: então, assim, dessa forma, a partir disso, com isso etc. No exemplo ilustrado abaixo, é fácil perceber essa circunstância.

1) O tamarindo você tem que botar na cachaça de um dia pra outro, quando ele tiver mole tirar os caroço, bater no liquidificador, depois coar, botar o açúcar dentro ou o mel. *Aí* é só mexer pronto já tá feito.

1a) O tamarindo você tem que botar na cachaça de um dia pra outro, quando ele tiver mole tirar os caroço, bater no liquidificador, depois coar, botar o açúcar dentro ou o mel. *Então* é só mexer pronto já tá feito.

Observe que o item *aí* no exemplo 1, embora esteja na condição de sequenciador discursivo, uma forma bastante gramaticalizada, auxilia na ressalva das ideias anteriormente expostas. Na verdade, ele aparece com carga de finalização da sequência de ideias que o antecede. Assim, ele pode ser substituído por itens ou construções conclusivas.

3. *Sincronia /diacronia*

Esta pesquisa desenrola-se em uma perspectiva sincrônica, por abordar a intensa dinâmica funcional do item *aí*, em vista de sua recorrência no português falado no Brasil. Para esclarecer a característica de sincronia e diacronia aponta-se a seguinte passagem, a qual ressalta que a gramaticalização pode ser

Observada de duas perspectivas: diacronia, se a preocupação do estudo estiver voltada para a explicação de como as formas gramaticais surgem e se desenvolvem na língua, ou sincrônica, se a preocupação estiver voltada para a identificação de graus de gramaticalidade que uma forma linguística desenvolve a partir dos deslizamentos funcionais a ela conferidos pelos padrões fluídos de uso da língua, portanto, sob um enfoque discursivo-pragmático. A combinação dessas duas perspectivas (pancrônica) também é uma possibilidade metodológica. (GONÇALVES et al., 2007, p. 16).

Nesse sentido, a abordagem diacrônica, em vista de tratar dos registros desde sua origem, passando por todas as circunstâncias possíveis ao longo da história até os dias atuais, envolve questões de mudança acerca do item *aí*, o que enfatiza a percepção acerca da periodicidade dos fatos linguísticos. Já no que se refere ao processamento sincrônico, “pa-

lavras acessórias e/ou gramaticais e sua forma-fonte principal podem conviver num mesmo recorte de tempo.” (GONÇALVES et al., 2007, p. 22).

Com isso, no caso da sincronia, não precisa necessariamente ter havido mudança, deslizamentos de função são percebidos ocorrendo paralelamente na língua, como é o caso do *aí*, o qual varia de função a depender da competência do interlocutor em determinado contexto de interação.

4. Multifuncionalidade do item *aí*

A gramaticalização do item *aí* em uma perspectiva sincrônica, como visto, permite encontrar uma série de funções. Nesta pesquisa, as cinco funções a serem trabalhadas acerca da gramaticalização do item *aí* são: 1) dêitico locativo; 2) anafórico; 3) especificador de sintagmas nominais indefinidos; 4) o uso em estruturas pré-fabricadas; 5) sequenciador¹.

4.1. Dêitico locativo

O uso como dêitico locativo é um dos mais antigos. O item *aí* nesta função possui significância em relação com o real, ou seja, com aquilo que existe concretamente, pois, fazem referência a algo dentro da circunstância mesma da interação. Quer dizer, o item *aí* auxilia o locutor e o interlocutor a localizar uma pessoa ou objeto em determinado espaço. De acordo com Heine et alii (1991), essas estruturas são as que mais tendem a sofrer processos de gramaticalização. Abaixo, é possível se ver exemplos dessa função do item *aí*.

4) Médico aqui só na Matinha, né? Tem, agora muito não. Tem... tem acho que dois, três médico *aí* na Matinha, agora que tem.

4a) Médico aqui só na Matinha, né? Tem, agora muito não. Tem... tem acho que dois, três médico *aí*, agora que tem.

5) A plantação que deu mais *aí* só foi a:: mandioca porque deu, porque deu tempo pra zelar, agora o feijão não deu muito bom não.

5a) A plantação que deu mais só foi a:: mandioca porque deu, porque deu tempo pra zelar, agora o feijão não deu muito bom não.

¹ Lembre-se que todos os exemplos expostos nesta pesquisa foram retirados do corpus anunciado anteriormente.

6) Eu achei bom, porque praticamente eu não fui criado com minha mãe, já fui com outra pessoa. Um rapaz que mora nessa casa **aí**.

6a) Eu achei bom, porque praticamente eu não fui criado com minha mãe, já fui com outra pessoa. Um rapaz que mora nessa casa.

Observe que no exemplo 4 o item *aí*, mesmo com sua característica dêitica, aparece acompanhado pelo nome que especifica o objeto, neste caso, o lugar onde o indivíduo vive. Perceba que o uso do nome do lugar não é necessário em vista do contexto discursivo que por si seria suficiente para permitir o interlocutor entender a que se refere o item *aí*, como se pode vê no exemplo 4a. Na verdade, o nome da Matinha parece ser usado apenas com característica enfática.

Nos exemplos 5 e 6, o *aí* como dêitico locativo, embora não seja decisivo para a coerência semântica, auxilia no desenrolar mais organizado do discurso e contribui para uma melhor compreensão por parte do interlocutor. Veja que a retirada do *aí* no exemplo 5a permite que se compreenda pelo contexto, pois, pelo tipo de resposta, obviamente a pergunta envolveu o nome do lugar, o que facilita a compreensão assim como no exemplo 4^a.

Já no exemplo 6a com a retirada do *aí* fica menos compreensível saber exatamente a qual casa o locutor se refere. O uso do *aí* possui certa carga mais forte de proximidade em relação àquele que escuta. Além disso, o uso indiscriminado das partículas *nesta* e *nessa* faria o interlocutor pensar em duas possibilidades de interpretação: a primeira seria o fato de a casa ser a que esta próxima dele ou uma das quais está próxima dele; e a segunda seria, devido ao uso indiscriminado como já dito, o interlocutor pensar que a casa é a mesma onde ele está, caso a conversa fosse de dentro de determinada casa. Isso poderia atrapalhar um pouco a compreensão, mostrando o grau de significância do *aí* nesse contexto discursivo.

Nesse sentido, em relação aos exemplos 6 e 6a, é possível considerar o caso de tripartição, em que se ressalta o seguinte: “a obliteração do sentido entre *esse aqui* e *esse aí* (ou mais restritamente *este aqui* e *este aí*) recria o sistema tripartido em face de *aquele (ali)*.” (CÂMARA JR., 2004, p. 169).

Sendo assim, nos exemplos citados neste parágrafo, vê-se que mesmo usando *esse* ou *nesse* em lugar de *este* ou *nesta*, a compreensão é facilitada, em vista de se utilizar os termos que especificam a distância, como *aqui*, *aí*, *ali* etc. Como se pode ver nos exemplos:

- 1) Eu achei bom, porque praticamente eu não fui criado com minha mãe, já fui com outra pessoa. Um rapaz que mora nessa casa aqui.;
- 2) Eu achei bom, porque praticamente eu não fui criado com minha mãe, já fui com outra pessoa. Um rapaz que mora nessa casa aí.;
- 3) Eu achei bom, porque praticamente eu não fui criado com minha mãe, já fui com outra pessoa. Um rapaz que mora naquela casa ali.

4.2. Anáfora

O uso do item *aí* em situações anafóricas, outro também antigo, é bastante semelhante ao dêitico locativo, uma vez que possui função referencial, porém a referência feita pelo anafórico aponta um item dentro do próprio texto, é o que se pode acompanhar nos exemplos expostos abaixo:

7) Que a gente tem que ficar correno pra vários lugar, correno atrás de um telefone, pra telefonar é uma dificuldade retada, esses negócio *aí* que podia ter e não tem.

8) E já vi uma morte d'uma muié também. *Essa aí* morreu na hora, o carro pegou. Muita morte eu vi na Cidade Nova e em outros lugar também, de tiro, bocado de coisa.

8a) E já vi uma morte d'uma muié também. *Essa* morreu na hora, o carro pegou.

Muita morte eu vi na Cidade Nova e em outros lugar também, de tiro, bocado de coisa.

No exemplo 7 exposto acima, pode-se observar que o *aí* funciona para recuperar telefone que na verdade representa vários outros produtos de utilidade que o informante pensou em emitir. No exemplo 8, o *aí* recupera mulher. Mas veja que ele nada mais é do que uma partícula enfática, devido até mesmo ao próprio contexto de empolgação do falante que acaba usando a força tônica do *aí* para externar sua carga emocional. No exemplo 8a, é possível ver melhor essa situação. Além disso, o *aí* ajuda a mostrar certa familiaridade do locutor com o fato exposto.

4.3. Especificador de sintagmas nominais indefinidos

A presença do item *aí* em alguns contextos torna-se bastante necessária para auxiliar o locutor e o interlocutor a entender de forma mais clara o objeto referido na fala. Sem a presença do item *aí* em determinado contexto, percebe-se que a sentença fica aparentemente incompleta, é como se faltasse um elemento para fechar o raciocínio. Com isso, não es-

tou querendo dizer, que a presença do item *aí* neste caso por si só, garante o entendimento concreto acerca do objeto, a questão é que a presença do item *aí* suaviza a não especificidade do elemento. Ele parece funcionar como uma partícula que, semanticamente, aproxima o objeto referido, torna-o mais familiarizado.

9) Quer dizer, sobrelha eu nunca vi, tá c'uns tempo *aí* eu nunca vi homem fazer não, mas depoi inventou essa moda, agora o creme eu acho que usa, os homem usa creme de pele, shampoo no cabelo.

10) Aqui era um centro espiritual que meu pai trabalhava com seita branca aqui. *Aí* depois que ele faleceu a gente tirou tudo que tinha dele aqui, *aí* ficou, já era o local de ensaio também do grupo, né? *aí* ficou *aí* local de ensaio do grupo, mas os menino tá quereno arrumar um jeito *aí* pra artear ele mais pra fazer, assim, tipo um dia de sábado, um local de evento dia de sábado.

O uso do item como especificador de sintagmas nominais indefinidos faz como que o *aí* tenha característica típica de qualificador de nomes que é de aparecer junto ao sintagma nominal. Com isso, ele evita a universalidade da leitura sobre os sintagmas. Observe que, no exemplo 9, o *aí* aparece próximo a *tempo* e no 10 próximo a *jeito*. Veja que mesmo o item *aí* estando na função de especificador ele não necessariamente revela alguma verdade acerca do sintagma, ou seja, ele não esclarece nenhuma informação. Para perceber melhor essa situação basta que se faça as seguintes perguntas: em relação aos exemplos 9 e 10 respectivamente: que tempo *aí*? que jeito *aí*?

Obviamente, o questionador continuará sem uma resposta específica acerca do sintagma. O *aí* nessa circunstância parece apontar para uma significância equivalente a *algum*. Em relação aos exemplos seria: *está com algum tempo* e *arrumar algum jeito*, respectivamente. Assim, o uso do *aí* parece enfatizar, na verdade, o desejo de encontrar uma resposta concreta para o fato, uma vontade de querer revelar a ideia presente no sintagma nominal.

4.4. Estruturas pré-fabricadas

O item *aí* pode acompanhar verbos ou outros itens lexicais formando um pequeno sistema. Nessa função, ele dá a impressão de formar uma massa homogênea com outros termos. O *aí*, nesse caso não tem, necessariamente, carga semântica dentro do contexto, ele funciona como um suporte comunicativo. Segundo Erman e Warren (2000 *apud* Oliveira, 2003) as “unidades pré-fabricadas” são entendidas como convenções

de termos utilizados em sequência, em que, uma vez incorporados no meio social, via repetição, essas unidades tornam-se eficientes na prática comunicativa, tanto na oralidade quanto na escrita.

11) A rua calçou, fizeram o mercado *e por aí* já vai melhorando, né?

12) Por hora a gente não pode dizer nem que tá bom, nem que tá ruim, porque... *t'áí*, como é que diz? Tá começando, então três mês de começo, pra mim não posso dizer nada.

Veja que no exemplo 11, o *aí* dá uma ideia de imprecisão quanto ao lugar, mas, de um modo geral, remete ao interlocutor que se trata daquela localidade. Não é um lugar específico, mas existe uma ideia de aproximação espacial. Já no exemplo número 12, observe que o *aí* funciona como uma partícula que dá ideia de continuidade no discurso, mas com o apoio do verbo que está reduzido fonologicamente. Na verdade, a construção *t'áí*, como se vê no exemplo, parece ser, de acordo com Oliveira (2003), uma possível inversão da expressão *aí está*. Talvez essa alteração tenha ocorrido para aumentar a velocidade de comunicação, pois essa posição parece favorecer a emissão da expressão.

4.5. Sequenciador

Este uso, ao menos até onde se tem notícia na presente pesquisa, é o mais recorrente do item *aí*. Neste nível, o *aí* já se mostra extremamente gramaticalizado, funciona apenas como marcador discursivo, dando continuidade ao ato de fala.

O *aí*, neste estágio profundo de esvaziamento semântico, funciona “sozinho”, ligando sentenças. Nos exemplos abaixo é possível ver o *aí* nessa função.

13) Ela fala assim qu'eu era pequena, mas eu nunca gostei dessas coisa, ficava muito agitada nos lugar. *Aí* ela tinha que voltar por causa de mim.

14) Achei que tinha quebrado o maxilar, mas não chegou não. O médico disse que não quebrou não, não quebrou não. *Aí* meu irmão pegou três ponto na cabeça que partiu.

No exemplo 13, o *aí* foi usado com sentido de conclusão, equivalente ao termo *então*. Já no item 14, tem mais o sentido de *com isso*. Na verdade, o uso desse item, nos casos apresentados, parece querer fazer uma ressalva do que foi apresentado anteriormente como um modo de manter a clareza de raciocínio, é uma forma de impedir que o interlocutor perca o “fio da meada” daquilo que está sendo exposto.

5. Frequência de uso

O item *aí*, como se pode ver pelos dados, é bastante utilizado pelos informantes do *corpus* escolhido.

Fatores lingüísticos	Fatores Extralingüísticos							
	Sexo ocorrências %		Idade ocorrências %			Nível de escolaridade ocorrências %		
	Fem	Masc	15-28	32-45	+55	Semi-analfabeto	Ensino fundamental	Analfabeto
Dêitico locativo	93/ 15%	99/ 29%	45/ 19%	35/ 14%	112/ 24%	15/ 40%	155/ 20%	22/ 15%
Anáfora	11/ 1%	4/ 1%	4/ 1%	2/ 0%	9/ 2%	2/ 5%	7/ 0%	6/ 4%
Especificador de sintagmas nominais indefinidos	21/ 3%	4/ 1%	11/ 4%	5/ 2%	9/ 2%	4/ 10%	16/ 2%	5/ 3%
Sequenciador	459/ 77%	213/ 64%	171/ 73%	186/ 78%	315/ 70%	15/ 40%	547/ 73%	110/ 76%
Uso em unidade pré-fabricadas	5/ 0%	12/ 3%	2/ 0%	10/ 4%	5/ 1%	1/ 2%	16/ 2%	0/ 0%

Sabe-se que o uso muito recorrente de determinada estrutura lingüística condiciona maior grau de esvaziamento semântico. É possível fundamentar tal concepção com a seguinte passagem: “Quanto mais a forma for gramaticalizada, mais ela será frequente. Portanto, a frequência de um item é evidência empírica do seu grau de gramaticalização.” (POGGIO, 2002, p. 75).

Nessa perspectiva, fica fácil dizer que com a elevada redução semântica o peso da responsabilidade do locutor emitir o item diminui consideravelmente, uma vez que não tendo mais significância concreta, não é necessário, em termos de clareza discursiva, preocupar-se com a presença do item, pois, estando abstrato, não interfere na capacidade de entendimento do discurso por parte do interlocutor.

Outra perspectiva que se pode considerar acerca da frequência diz que esta “não é resultado da gramaticalização, mas apenas uma contribuição primária para a identificação do processo, uma força ativa na inves-

tigação envolvendo esse tipo de mudança.” (BYBEE, 2003 *apud* GONÇALVES et al., 2007, p. 35).

Assim a frequência anuncia que a gramaticalização está se processando. É um dado concreto que serve como indicador da gramaticalização, pois uma vez abstrata, a estrutura linguística, torna-se mais vulnerável, sendo usada com mais intensidade.

Segundo pesquisas da comunidade científica acerca de gramaticalização, acredita-se que um termo sofre mais gramaticalização quanto mais ele se torna frequente nos variados contextos de fala. Quer dizer, o item *aí* quanto mais usado, menor sua intensidade semântica. Isso se explicar, talvez, pelo fato de que um termo, quando usado de forma muito frequente, acaba, muitas vezes, servindo como elemento de pausa para o pensamento do falante. Dessa forma, como no ato de fala sempre o locutor necessita de alguns instantes para raciocinar e o termo *aí* já está frequente em sua fala, então como maneira de não deixar sua fala “cair”, ele inclui o item *aí*, o que impulsiona o uso indiscriminado da construção linguística e, assim, contribui com o processo de gramaticalização.

Nesse sentido, a partir dos dados do *corpus* pesquisado foi possível perceber que, sendo o item *aí* utilizado em grande número tanto por mulheres e homens, jovens e idosos com maior ou menor grau de escolaridade, isso significa que esse item já vem sendo bastante usado pela comunidade, o que o levou a sofrer um acentuado grau de gramaticalização.

Assim, pode-se dizer que o *aí* é utilizado em maior número como sequenciador, uma vez que essa categoria configura-se como a mais gramaticalizada. Pelo que se ver nos dados da tabela, apenas os semianalfabetos usaram o *aí* com função dêitica e sequenciadora comparativamente em números iguais, resultando em 15 ocorrências para ambos, o que equivale a 40% dos 37 dados desse nível de escolaridade.

Com a tabela acima, foi possível ver que todas as categorias extralinguísticas exceto os semianalfabetos utilizaram o *aí* como dêitico locativo em segundo lugar. Isso significa dizer que o *aí* com sua característica mais primitiva, a de dêitico locativo, ainda coocorre em grau elevado com sua categoria mais gramaticalizada que é sequenciador. Assim, não parece haver indícios de desaparecimento do primeiro.

Pelos dados observados na tabela, as unidades-pré-fabricadas aparecem com uma porcentagem menor em relação aos outros dados linguísticos. Uma vez somadas as porcentagens do *aí* em todas as categorias ex-

tralinguísticas, encontra-se os seguintes resultados: em primeiro lugar o sequenciador com 551%, em segundo dêitico locativo com 176%; depois aparece especificador de sintagmas nominais indefinidos com 27%, em quarto a anáfora com 14% e, por último, as unidades pré-fabricadas, resultando em apenas 12 %.

Além disso, observa-se que nas ocorrências dos analfabetos não houve casos de unidades pré-fabricas com o item *aí*, isso provavelmente pode ter ocorrido pelo fato de eles terem pouco contato com o meio escolarizado, o que não permitiu o seu conhecimento acerca dessas convenções linguísticas.

Como se pode ver, o uso do item *aí* em unidades pré-fabricadas, embora seja bastante gramaticalizado, é pouco frequente. Hipoteticamente, pode-se dizer que os contextos mais prováveis de uso das unidades pré-fabricadas são muito restritos, sem favorecimento para sua disseminação. Isso porque é preciso uma instância linguística que permita o encaixamento de uma estrutura já estabelecida na língua, para que ela possa ser propagada por determinada comunidade.

6. Considerações finais

No presente trabalho, desenvolvido em uma perspectiva sincrônica, foi possível perceber a multifuncionalidade do item *aí*, a partir de sua recorrência na língua portuguesa falada no Brasil. Por meio dos dados, percebe-se como o *aí* está caminhando para um grau mais aprofundado de gramaticalização, sendo usado em grande quantidade como sequenciador, ou seja, em direção a uma categoria de tempo que é mais gramaticalizada do que a de espaço (seu uso mais primitivo).

Além disso, voltando-se a uma tangência sociolinguística, e não poderia deixar de ser no caso deste trabalho, uma vez que envolveu informantes do *corpus* anteriormente apresentado, têm-se algumas observações como: 1) as mulheres utilizam mais os sequenciadores; 2) o uso em unidades pré-fabricadas fica atrás de todas as outras funções estudadas; 3) houve um *Knockout* de uso como unidades pré-fabricadas em pessoas analfabetas. Além disso, no trabalho, o uso mais antigo e o mais recente permanecem convivendo na língua, sem vestígios de desaparecimento do mais antigo, que é como dêitico locativo em relação ao mais recente que é como sequenciador.

Ademais, na presente pesquisa, foi exposto como o item *aí* pode ser substituído por outros termos, e até mesmo, em alguns casos, ser retirado dos contextos linguísticos sem prejudicar a compreensão. Além disso, observa-se que é um caso de gramaticalização.

Pelo que se observa da pesquisa, o *aí* parece continuar a ser utilizado ainda por muito tempo tanto como dêitico quanto como sequenciador. Assim, com tanta liberdade de expressão hoje, parece que esse uso provavelmente irá crescer, porém se se tratará de uma mudança, apenas um estudo diacrônico poderá responder.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BYBEE, J. Mechanisms of change in gramaticalization: the role of frequency. In: Janda, R.; Brian, J. (orgs). *Handbook of Historical Linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003, p. 602-623.

GONÇALVES, S.C.L. et al. Tratado geral sobre gramaticalização. In: GONÇALVES, S.C.L.; LIMA-HERNANDES, M.C.; CASSEB-GALVÃO, V. C. (Orgs.). *Introdução à gramaticalização*. São Paulo: Parábola, 2007.

CASTILHO, Ataliba T. de. A Gramaticalização. Estudos Linguísticos e Literários, 19: 25-64. Salvador: Programa de pós Graduação em Letras e Linguística da UFBA, 1997.

ERMAN, B. e WARREN, B. The idiom principle and the open choice principle. In: *Linguistic - an interdisciplinary journal of the language sciences*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2000.

HEINE, B. et alii. Grammaticalization: a conceptual framework. Chicago: University of Chicago Press, 1991.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso; UCHOA, Carlos Eduardo Falcão (Org.). *Dispersos*. Nova ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

OLIVEIRA, M. R. de. A expressão adverbial de lugar. *Cadernos do CNLF*, série VII, nº 11, 2003. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/viicnlf/anaais/caderno11-02.html>.

POGGIO, R. M. G. F. *Processos de gramaticalização de preposições do latim ao português*: uma abordagem funcionalista. Salvador: EDUFBA, 2002.